

# O MACHISMO EM MÚSICAS SERTANEJAS ROMANTIZADAS

Uma análise crítica do discurso

Maria Micaely Macedo de Melo<sup>1</sup>

Silvio Nunes da Silva Júnior<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar como o machismo é propagado em músicas sertanejas, que são produzidas e disseminadas a partir do caráter romantizado que, fantasiosamente, permeia a intenção discursiva do produtor, tomando como base a Análise Crítica do Discurso (ACD). Para tanto, utilizam-se alguns conceitos voltados à temática do machismo, como o machismo reinante e o machismo velado. São levados em conta os aspectos teórico-metodológicos da Análise Crítica do Discurso para subsidiar o plano analítico da pesquisa. Ao analisar os discursos nas letras das músicas, o estudo evidencia que os conteúdos ideológicos presentes no *corpus* colocam em cena variados elementos

---

1 Graduada em Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade de Pernambuco (UPE), multicampi Garanhuns. E-mail: micaely.macedo@upe.br

2 Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), tendo realizado pós-doutorado na área da Educação na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor do curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade de Pernambuco (UPE), multicampi Garanhuns. E-mail: silvio.nunesj@upe.br

que ressaltam o machismo, principalmente na predominância de uma visão objetificada do corpo feminino, do relacionamento abusivo e até mesmo de atitudes criminosas dentro de uma relação dita amorosa.

**Palavras-chave:** Análise Crítica do Discurso. Machismo. Músicas Sertanejas.

## **ABSTRACT**

This work aims to analyze how machismo is propagated in country music, which are produced and disseminated from the romanticized character that, fancifully, permeates the discursive intention of the producer, based on the Critical Discourse Analysis (CDA). Therefore, some concepts focused on the theme of machismo are used, such as the reigning machismo and the veiled machismo. The theoretical-methodological aspects of Critical Discourse Analysis are taken into account to support the analytical plan of the research. By analyzing the speeches in the lyrics, the study shows that the ideological content present in the corpus brings into play various elements that highlight machismo, especially in the predominance of an objectified view of the female body, the abusive relationship and even criminal attitudes within of a so-called loving relationship.

**Keywords:** Critical Discourse Analysis. Chauvinism. Country Music.

## **1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Os discursos dos sujeitos representam as variadas formas de ver o mundo. Através dos discursos, é possível observar pensamentos e valores de um determinado sujeito, que remete às práticas sociais das quais ele participa. Isso se dá porque todo discurso está repleto de ideologias e são elas que determinam como

um sujeito age socialmente. Assim, o campo de estudo do discurso, na área da Linguística, tem se tornado altamente decisivo para que se possa investigar as posições que o sujeito assume em diferentes acontecimentos de sua vida social, alargando as possibilidades de pesquisa, articulando temáticas e áreas de conhecimento variadas, a exemplo dos estudos de gênero, da educação, entre outros.

Os conceitos de sujeito, ideologia, prática social e outros são estudados pela Análise Crítica do Discurso<sup>3</sup> (ACD) e, a partir dela, pode-se analisar discursos que são muitas vezes naturalizados dentro de práticas sociais específicas. Nos processos de naturalização, as ideologias que são propagadas nos discursos são voltadas à dominação, nas quais um determinado grupo social se encontra numa situação de superioridade em relação a outro, mantendo e influenciando, assim, a desigualdade social, a discriminação e o preconceito. Dessa forma, uma das finalidades da ACD é problematizar os tipos de discursos que reforçam a desigualdade e colocam um grupo como detentor de poder e outro como dominado, sem qualquer poder sobre si, como é o caso da mulher, que há séculos sofre com as mazelas do patriarcado. Nesse sentido, tem-se observado a prevalência de discursos que reforçam o machismo e o patriarcado em diferentes materialidades. Dentre elas, as letras de músicas sertanejas ditas românticas.

Em muitas dessas músicas, os discursos machistas são naturalizados e propagados. Esse fato se dá pela romantização

---

3 Esses conceitos são também definidos em outras Análises do Discurso.

do próprio ritmo musical e pela reputação artística do produtor musical e do cantor sertanejo, notadamente reconhecido por colocar, nas músicas, seus sentimentos que muitas vezes são vinculados a histórias de amor reais. Em diversos casos, os consumidores não percebem que nas músicas adjetivadas como românticas existem ideologias machistas, as quais estão enraizadas em grande parte da sociedade, tornando-se, para muitos, algo normal e/ou natural. Diante disso, o presente trabalho analisa como as músicas sertanejas propagam o machismo sob o recurso da romantização, a partir da ACD. Procura-se identificar como o machismo é naturalizado nas músicas “Propaganda”, de Jorge e Mateus, e “Ciumento Eu”, de Henrique e Diego, com participação de Matheus e Kauan.

O estudo apresenta relevância, pois busca compreensões acerca de como o machismo tem estado presente nas músicas e que, na maioria das vezes, nem é perceptível, já que as letras estão sempre velando o caráter discriminatório influenciado por ideologias diversas. Além disso, a temática também é pertinente porque só é possível contribuir com o fim do machismo quando se problematiza a sua disseminação em discursos produzidos em variadas esferas sociais. Para dar conta dos objetivos e realmente implicar possibilidades concretas de combate ao machismo na sociedade, o trabalho está estruturado em, além das considerações iniciais e finais, nos seguintes tópicos: O Machismo e as Letras de Músicas; Pressupostos teórico-metodológicos da Análise Crítica

do Discurso; e O conteúdo machista em músicas sertanejas romantizadas.

## 2. O MACHISMO E AS LETRAS DE MÚSICAS

O machismo existe na sociedade há muito tempo e ainda hoje se apresenta de variadas formas e em diversos acontecimentos e situações histórico-sociais. Não é raro vivenciar momentos em que mulheres são tratadas de um modo diferenciado apenas por serem mulheres. Muitas vezes, elas são desrespeitadas e colocadas em situações constrangedoras nas quais se sentem inferiores aos homens. Acerca disso, Couto e Schraiber (2013, p.54) afirmam que “O machismo é aqui tomado como um sistema de ideias e valores que institui, reforça e legitima a dominação do homem sobre a mulher.”, ou seja, as violências sofridas por mulheres são validadas pelo machismo e isso tem uma forte raiz histórica.

Vale destacar que mesmo com casos claros de machismo, poucas pessoas se declaram machistas, isso porque essa prática é considerada normal e sem nenhum tipo de desvalorização para com o gênero feminino. Beauvoir (2004, p.9) afirma que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”, isto é, quando se trata de gênero estar-se referindo

às características das mulheres pela sociedade. É comum que as mulheres, por vezes, não percebam o machismo no cotidiano, pois, de acordo com Couto e Schraiber (2013, p. 55), isso ocorre “dada a conjuntura histórico-social de subordinação das mulheres e de desigualdade de gênero que se observa nos espaços cotidianos da vida como família, trabalho, lazer, política, entre outros”. Não é porque as mulheres já conquistaram muitos direitos sociais que o machismo acabou e não voltará; muito pelo contrário, o machismo ainda está presente na sociedade e de uma forma ainda agressiva.

A esse respeito, Couto e Schraiber (2013, p. 59) salientam que

Neste processo de naturalização do social, como visto em relação a outros aspectos do machismo, categorias como “instintos”, “impulsividade”, “fatalidade”, “destino” são arroladas para dar sentido (e legitimar, em última instância) às agressões perpetradas contra mulheres (no geral na condição de namoradas, esposas, companheiras).

Uma das fontes de propagação do discurso machista são as músicas, visto que, por intermédio delas, as pessoas acabam se envolvendo com o ritmo e não param para analisar o conteúdo implícito e até mesmo explícito das letras, que muitas vezes

são misóginos. Cabe destacar que um dos estilos musicais que apresenta em suas letras esse tipo de discurso é o sertanejo, que contém temas machistas exibidos como conteúdos românticos. É nesse sentido que surge a necessidade de pesquisas sobre a produção dos discursos em diferentes contextos. Para esmiuçar essa questão, a reflexão é continuada com as concepções sobre o machismo nos discursos e nas ações sociais.

## **2.1. O machismo nos discursos e nas ações**

Muitas mulheres sofrem diariamente com o machismo quando são expostas a situações constrangedoras, nas quais são tratadas como objetos. Por diversas vezes, elas sofrem alguns tipos de violência, pois alguns homens utilizam-se de força para mostrar que a mulher é sua propriedade. No machismo, os homens agem como donos das mulheres, como se tivessem poder sobre elas, seus corpos, vidas e decisões. Sobre isso, Tenório (2019, p.7) afirma que

O machismo é o preconceito que exerce uma função social de dominação dos homens sobre as mulheres, inferiorizando-as com a finalidade de controlar comportamentos e subjugar sua existência, para que a apropriação do tempo, do corpo e do trabalho delas seja mais eficaz e lucrativa nessa sociedade.

Com base nisso, percebe-se que é através do machismo que o homem justifica suas ideias de dominação sobre a mulher. Isso ocorre frequentemente na sociedade. Por essa razão, é de fundamental importância que a população esteja sempre atenta para desvendar o machismo nas diversas situações do cotidiano, uma vez que ele está presente em todos os lugares, em espaços públicos e privados, da mesma forma que outros tipos de violência e desigualdade social, considerando que

“O machismo deles de cada dia” pode se apresentar de muitas formas: sob aparência de piadas, com a “falsa capa” de romantismo, preocupação e proteção, ou “apenas” uma atitude grosseira. Qual mulher não ouviu: “Você está exagerando!”, “Não podemos mais brincar, esse mundo está chato”, “Eu só sugeri isso porque quero te proteger”, “Você está louca”, “Você é muito sensível” ou em algum processo seletivo: “Você não vai engravidar, né?”, dentre outras frases comuns (TENÓRIO, 2019, p. 8).

O machismo está presente nos discursos dos sujeitos, em frases que parecem normais, por serem veladas como uma forma de proteção ou piada. Algumas vezes as mulheres são tratadas como loucas ou não têm seus discursos validados apenas por não serem do sexo masculino. Elas são desrespeitadas e julgadas de uma

forma mais severa, mesmo agindo semelhante a um homem. Um exemplo claro desse processo de desvalorização da figura feminina está no julgamento de mulheres que ao longo da vida têm relações amorosas/sexuais com muitos homens. As adjetivações e visões sociais são bastante distintas quando se compara essa questão com os julgamentos dispostos aos homens, os quais, na maioria dos casos, nem sequer recebem críticas negativas por manterem relações sexuais com muitas mulheres.

Compreende-se que os discursos machistas podem ser apresentados de uma forma mais sutil ou de uma forma mais agressiva, o que vai depender de quem reproduz o machismo e da posição que a mulher ocupa na sociedade num dado momento. Nessa perspectiva, Tenório (2019, p. 8-9) salienta que é

Importante lembrar que o machismo se expressará diferentemente, a depender tanto do sujeito que comete ações machistas podendo ter expressões mais sutis ou explícitas, quanto das mulheres que são impactadas pelas ações, considerando a diversidade das mulheres: quanto à raça/etnia, identidade, orientação sexual, tipo físico, geração, religião (ou ausência dela) e territórios; em relação às inserções profissionais, principalmente em espaços hegemonicamente ocupados por homens; quanto aos comportamentos

que desafiam as expectativas sociais no que se refere à ideia de “feminilidade” (modos de vestir, maneiras de falar...).

Diante disso, o machismo está também relacionado a outros tipos de desigualdade social e possui uma base ideológica, que é o patriarcado, entendido como uma estrutura social que garante a dominação do homem sobre a mulher em diferentes níveis sociais, fazendo com que ocorra a desvalorização da mulher e a validação da dominação do homem sobre ela.

Desde muito jovens, homens e mulheres presenciam discursos machistas e, em grande parte dos casos, como falado anteriormente, não se percebe o machismo. Tenório (2019, p.10) entende que “Historicamente, fazemos analogias que azul “é de menino” e rosa “é de menina”. Menina brinca de casinha e boneca, menino de bola e carrinho. Meninas são dóceis e sensíveis, meninos são corajosos e valentes”. Todos esses discursos são frequentemente reproduzidos na infância, colaborando para que a sociedade continue sendo machista e que ocorra a segregação de gênero.

Não é raro ouvir que não existe apenas homens machistas. Muitas mulheres acabam reproduzindo esses discursos, porém não são tidas como machistas, pois não há essa possibilidade, já que nenhuma mulher é beneficiada com discursos e ações machistas. Assim, pode-se dizer que existem mulheres que reproduzem o machismo quando contribuem para que o seu gênero se mantenha

em uma posição de desvalorização. Desde o início dos tempos, existiu uma separação entre homens e mulheres, considerando que existiam trabalhos que só podiam ser exercidos por homens. O trabalho reprodutivo e doméstico era direcionado apenas aos sujeitos do sexo feminino, como afirma Tenório (2019). A sociedade atribui a mulher um papel materno e classifica as mulheres como sensíveis, compactuando com o machismo.

Dessa forma, Tenório (2019, p. 13) depreende que

No caso do machismo, há uma uniformização do que, supostamente, seria “ser mulher” ou “ser feminina”, reproduzindo estereótipos como: “mulher que é mulher usa cabelo longo”, “toda mulher quer ser mãe”, “toda mulher é sensível”, “toda mulher quer um homem para amá-la e protegê-la”, “não sou feminista, sou feminina”, dentre outras frases.

Nesse contexto, o machismo desvaloriza a mulher, só que, muitas vezes, busca-se fazer isso de uma forma minimizada, para que elas não percebam que estão sendo violentadas. De acordo, ainda, com Tenório (2019, p. 14-16), pode-se afirmar que o machismo busca “desqualificar o pensamento feminino, apropriar-se de falas, interromper as falas de mulheres, cometer assédio, objetificar o corpo da mulher, além de padronizar a estética”.

Todo esse conjunto é fruto de uma sociedade patriarcal que pouco valoriza a mulher.

Nos últimos tempos, as mulheres, principalmente as mais jovens, têm lutado pelos seus direitos, mas acabam sendo tratadas como “pessoas arrogantes que tem todos os direitos e mesmo assim querem serem superiores ao homem” (TENÓRIO, 2009, p. 16). Nesse sentido, para Tenório (2019, p. 16), ainda existem

muitos mitos, confusões e inverdades em torno dos movimentos feministas. Um deles é que o feminismo seria um “machismo às avessas”, ou seja, a dominação das mulheres sobre os homens. Esse grande equívoco visa a desqualificar a luta feminista e também desincentivar os homens a serem aliados dessa causa.

As mulheres não buscam ser superiores aos homens. Elas buscam seus direitos de decisão sobre suas vidas e seus corpos, buscam ser respeitadas no mercado de trabalho com uma remuneração justa e com a validação das suas ideias e pensamentos. A partir dessas afirmativas, parte-se para reflexões sobre o machismo reinante e, em seguida, acerca do machismo velado.

### 2.1.1. Reflexões sobre o Machismo Reinante

O machismo, como dito anteriormente, acontece com frequência e, muitas vezes, de forma naturalizada, em que as pessoas acabam nem percebendo que estão produzindo discursos machistas. Sobre isso, Oliveira e Maio (2016, p. 2) afirmam que “Esta prática é aprendida em várias instituições sociais, às quais se destacam a família, a escola e a mídia, por exemplo”, isto é, o machismo é propagado na sociedade por vários meios. Os sujeitos são constituídos escutando e vivenciando discursos e ações machistas e, conseqüentemente, acabam, também, produzindo novos discursos dessa espécie.

O machismo é uma prática exclusiva dos homens, porém as mulheres podem contribuir para sua disseminação, isso porque, como já mencionado, é uma questão de formação. Todos os seres humanos, independente de gênero, podem se mostrar favoráveis a ideologias machistas. As mulheres, desde muito jovens, são colocadas em um lugar de inferioridade. Elas são ensinadas que precisam aprender as tarefas domésticas, como se isso fosse pré-determinado para ser mulher. Isso se dá devido ao patriarcado e, a partir desse elemento histórico, o machismo vai se instaurando na sociedade, já que vai sendo criada a ideia de que as mulheres são feitas para servir aos homens. Nesse sentido, Saffioti (1987, p.8) entende que a sociedade “delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como

escolhe os terrenos em que pode atuar o homem”. Essa crença faz com que os homens sejam machistas, por acharem que as mulheres são suas propriedades e devem ser submissas a eles, mas, também, leva as mulheres a acreditarem que essa submissão ao homem é algo natural e que qualquer mulher que não cumpra essa função está errada.

Na sociedade patriarcal, o homem é visto como aquele que tem domínio sobre a mulher. Acerca disso, Minnayo (2005, p. 23-24) salienta que

a concepção do masculino como sujeito da sexualidade e o feminino como seu objeto é um valor de longa duração da cultura ocidental. Na visão arraigada no patriarcalismo, o masculino é ritualizado como o lugar da ação, da decisão, da chefia da rede de relações familiares e da paternidade como sinônimo de provimento material: é o “impensado” e o “naturalizado” dos valores tradicionais de gênero.

Dessa forma, a cultura ocidental é marcada pelo patriarcado, no qual as mulheres são vistas como seres frágeis e os homens como os provedores. Tal fato acentua o machismo que, por existir há muitos anos na sociedade, acabou sendo naturalizado. Existem muitos veículos que podem influenciar a propagação do

machismo. Um deles é a família, que tem um papel significativo na formação humana. É importante destacar que geralmente as famílias não têm noção do quanto são exemplos para os jovens. Tudo que alguém ver dentro de casa acaba influenciando na sua formação como sujeito social. Diante disso, se um jovem é criado dentro de um lar em que predomina o machismo, ele pode acreditar que aquilo é normal e que ele pode produzir discursos semelhantes e até mesmo agir agressivamente. Entretanto, nem todas as pessoas que são criadas em lares machistas se tornam machistas, por razões diversas, relacionadas, por exemplo, à formação acadêmica e ao meio profissional.

Em variados casos, a família leva os filhos a acharem que devem ser “machos”. Essa afirmativa gera desdobramentos como: homem não pode chorar e homem não pode sorrir muito, ou seja, que não pode ser vulnerável. Essas práticas acabam contribuindo para a formação de homens machistas. Nessa linha de pensamento, Palmeiras (2021, p. 3) pontua que

Os homens são mais cobrados a assumir de berço um padrão masculino, onde a superioridade e as características são atribuídas ao indivíduo, contribuindo principalmente por parte da sociedade um feedback com ruídos; por sua vez, esse sentido atribuído na construção social do indivíduo, nas futuras ações machistas,

assim popularmente dito, ações dignas de um verdadeiro macho.

Um outro contexto bastante decisivo para a formação dos sujeitos sociais é a escola, que se torna um dos lugares nos quais os alunos passam por processos de visualização do mundo a partir do professor. Por essa razão, é importante que nesse lugar não exista nenhum tipo de desigualdade, inclusive a de gênero, pois, de acordo com Oliveira e Maio (2016, p. 7),

Todos esses aspectos de exclusão da mulher e empoderamento do homem – na sociedade, incluindo as instituições escolares – fazem com que as pessoas tomem como ‘natural’ o ambiente de ocupação de um gênero e outro, de modo que os espaços com menos prestígio são ocupados, em sua maioria, por pessoas do gênero feminino, enquanto que os espaços com maior prestígio são ocupados, em sua maioria, por pessoas do gênero masculino. A isso também se chama de machismo.

Além da família e da escola, outro meio que influencia a produção do discurso machista é a mídia, em especial a virtual, pois, ao verem cenas machistas na mídia, os sujeitos, principalmente aqueles que estão em processo de formação, acabam naturalizando

esse tipo de preconceito. É muito comum ver propagandas colocando mulheres como objetos sexuais, o que só aumenta a possibilidade de os homens não respeitarem as mulheres, vendo-as como objetos sem utilidade além do sexual e dos domésticos. Em contraposição a essa realidade, reafirma-se que o ser humano tem direito de escolha, haja vista que não é porque ele assiste algo que ele vai reproduzir, entretanto, isso pode influenciar bastante na sua formação. A respeito disso, Oliveira e Maio (2016, p. 8) acreditam que

A família, a instituição escolar e a mídia podem contribuir, raras às vezes não fazem isso, para essa naturalização de práticas consideradas femininas ou masculinas. Ao passo que a reprodução de situações segregadas enquanto atitudes, atividades, ações de homens ou mulheres, faz com que a violência, incluindo o machismo, perpetue nas práticas sociais – de muitos homens e muitas mulheres.

Frente a essas afirmativas, pode-se perceber que a sociedade influencia bastante na propagação do machismo, seja de forma implícita ou explícita, e sempre coloca a mulher em uma situação de inferioridade e o homem como o provedor - aquele que pode fazer tudo inclusive com a mulher, que deve ser apenas submissa. Como afirma Palmeira (2021, p.2),

O fundamento do machismo é a ideia de que o homem é superior à mulher. Esse embasamento é definido como um sistema de representações simbólicas e tem o efeito de induzir os sujeitos a crer em uma farsa, voltada ao direito, dominação e submissão entre o homem e a mulher; utilizando o argumento e as relações do sexo, para dividir os mesmo em polo dominante e polo dominado, que muitas das vezes é tido numa condição de objeto.

Com base em Palmeira (2021), vê-se que os fundamentos machistas levam o homem a acreditar que tem domínio sobre a mulher, sobre suas decisões e seu corpo e justificam essa posse alegando que por serem homens podem e devem exercer essa dominação sobre as mulheres, tratando-as como menores dentro de múltiplas práticas sociais. Dessa maneira, entende-se que, mesmo diante dos avanços sociais explícitos, ainda há uma prevalência do machismo, que o faz ser reinante.

Considerando todo esse apego dos discursos cotidianos a uma posição machista e discriminatória, ainda existe o machismo velado, conceituado no subtópico a seguir.

### 2.1.2. Reflexões sobre o Machismo Velado

Como podemos observar com as discussões até aqui apresentadas, a sociedade ainda é bastante machista e, para que se alcance uma conjuntura com mais equidade, é necessário um pensamento crítico sobre o mundo atual. De acordo com Gonzalez (2014, p. 239),

Avançar no sentido de maior igualdade de gênero em nossa sociedade requer mudanças profundas no pensar e no agir; implica ampliar as percepções que temos acerca dos lugares, das atividades, das relações sociais e das próprias definições relacionadas a homens e mulheres; implica, portanto, questionar, desestabilizar e redefinir estruturas, valores e concepções que servem como base e pilares da organização social vigente.

As mulheres, atualmente, estão conseguindo se inserir no mercado de trabalho, mas são, comumente, desvalorizadas e, em variadas situações, não recebem salários iguais aos dos homens, mesmo exercendo a mesma função. As justificativas são variadas, mas acabam deixando evidenciado o tom machista e preconceituoso que encobre os interesses do mercado financeiro. Numa discussão semelhante a esta, Gonzalez (2014, p.241) afirma

que as entradas de mulheres no mercado de trabalho “podem ser interpretadas tanto como uma mola propulsora para avanços e transformações nas relações de gênero, como podem representar obstáculos para a participação das mulheres em espaços de decisão e de poder”. Em outras palavras, mesmo sendo um grande marco para as mulheres o poder de exercer funções profissionais, é, também, um grande desafio para elas, pois enfrentam grandes obstáculos.

Mulheres são assediadas, verbal e fisicamente, e não têm suas ideias validadas. De acordo com Guillaumin (2014, p.59), os homens “não aceitam que uma mulher exprima o que quer que seja por sua própria iniciativa, decida, em suma, eles não admitem que as mulheres tomem um lugar de sujeito”, ou seja, não admitem que as mulheres façam suas escolhas, sejam elas no âmbito pessoal ou profissional. Assim,

as mulheres não possuem os mesmos direitos que os homens; como o artigo 5º da Constituição Federal afirma, pois, a cultura machista ainda prevalece principalmente nas questões salariais e nas oportunidades de emprego; embora as mudanças venham ocorrendo gradativamente (PALMEIRA, 2021, p. 2).

Sob essa ótica, mesmo existindo leis que garantem a equidade de gênero, a sociedade é extremamente machista e misógina. Por muitos anos, existiu a segregação de trabalhos, na qual a maioria das funções não podia ser exercida por mulheres, o que também é fruto do machismo. De acordo com Palmeiras (2021, p.2), hoje “as mulheres ocupam áreas antes apenas disponíveis para o sexo masculino; mas não é o suficiente para acabar com o preconceito e estereótipos presente na sociedade”, isso porque, como já discutido, muitas vezes as mulheres são desrespeitadas nos seus ambientes de trabalho.

Na mesma perspectiva, Gonzalez (2014, p.241-242) alerta que

A centralidade da dimensão do trabalho remunerado, fortemente associada à noção de cidadania no Brasil, soma-se à permanência da divisão sexual do trabalho [...] Além do acúmulo de funções, entre as mulheres predominam os menores rendimentos. [...]O trabalho doméstico remunerado e não remunerado é visto ainda como atividade exclusivamente feminina.

Percebe-se que mesmo tendo conquistado muitos direitos e mostrado que são capazes de exercer funções no mercado de trabalho que antes eram restritas aos homens, as mulheres são

desrespeitadas e direcionadas a exercerem trabalhos domésticos. Portanto, não se pode afirmar que a desigualdade de gênero acabou e que o machismo deixou de existir, principalmente no Brasil, que continua sendo um dos países mais machistas do mundo. Compreende-se que “a realidade brasileira é machista e de que as mulheres podem e devem ter autonomia em suas escolhas” (GONZALEZ, 2014, p. 243). Nessa ótica, mesmo estando inseridas em uma sociedade que muitas vezes não é a favor da equidade de gênero, as mulheres continuam lutando para conseguir autonomia sobre si, sobre os seus corpos e suas decisões.

Voltando ao que foi pontuado, faz-se, a seguir, um paralelo entre as concepções de machismo com as realidades enfrentadas no Brasil no que se refere às músicas sertanejas romantizadas.

## **2.2. As músicas sertanejas romantizadas**

A depreciação da mulher é perceptível em vários contextos e uma das responsáveis pela propagação do machismo na sociedade é a música. Segundo Cavalcante et al. (2017, p.4), “No repertório das músicas brasileiras, no momento atual, são carregados de metáforas e conotações que imprimem ideias de desvalorização dos sujeitos, principalmente dos jovens e, em sua maioria mulheres”. Isso ocorre, em diversos casos, de forma implícita, fazendo até as próprias mulheres divulgarem essas músicas, por acharem que estão sendo representadas positivamente e valorizadas.

O público consumidor se envolve com os ritmos musicais e/ou pelo modo “romantizado” com o qual as mulheres são descritas e não conseguem distinguir o que de fato é romântico e o que apresenta um discurso misógino. Dessa maneira,

Como podemos ver a dominação do homem sob a mulher, a sua imagem retratada nas músicas atuais, que em sua maioria compostas por homens que usam letras e estereótipos para mulheres, como ritmo dançante para não se darem conta do seu papel nas canções. O gênero feminino é visto como sinônimo de bebida, diversão, sexo e agressão (CAVALCANTE et. al (2017, p. 8).

Diante disso, as mulheres são desrespeitadas e muitas vezes nem percebem a violência que estão enfrentando. Cavalcante et al. (2017, p.1) afirmam que “percebemos nas letras uma figura feminina transformada em objeto sexual, erotizada e submissa ao homem”. Essa é uma herança do machismo, que se encontra em todos os lugares da sociedade, como pode-se perceber ao longo desse trabalho. Já vimos que o Brasil é um país extremamente machista e que a desigualdade de gênero sempre existiu. Por isso, não é surpreendente que as músicas que fazem sucesso tenham ideologias machistas, pois é

Através do repertório musical que conhecemos a diversidade de letras e autores que disseminam a imagem da mulher nas suas letras, muitas vezes umas histórias que denigre a figura feminina, quando a infere como vagabunda, vadia, piranha, um ser facilmente, manipulada, indigna de respeito, propagando muitas vezes a cultura do estupro individual e coletivo, por a mulher representar apenas o desejo do sexo banalizado (CAVALCANTE et. al (2017, p. 8).

As músicas são escritas, em sua maioria, por homens, os quais colocam as mulheres em uma situação desrespeitosa, as definem como pessoas propícias à manipulação, como objetos sexuais ou como seres submissos aos homens, que devem fazer tudo que o homem mandar. Como citado anteriormente, muitas vezes as mulheres acabam divulgando as músicas e propagando o machismo, por não perceberem que aquelas músicas tidas como “românticas” são, na verdade, meios de demonstrar que a sociedade ainda enxerga as mulheres como seres inferiores. Nesse contexto,

A imagem da mulher nesse universo branco e hetero são cada vez mais desbotadas, muitas vezes ocultas, expostas à margem social. É um movimento de luta com avanços e retrocessos, porém, sem haver derrotas, é a construção

das características que fundamenta as identidades assumidas pelas mulheres independentemente da opção sexual. (CAVALCANTE et. al., 2017, p.10).

Em outras palavras, ao verem as mulheres conquistando seu direito de expressão, tornando-se empoderadas, muitos homens machistas passaram a representar o feminino nas músicas com uma conotação negativa, visando silenciar o papel feminino na sociedade. Mediante a isto, vê-se diversas possibilidades de reconhecer os discursos machistas nas práticas sociais. Isso é bastante problemático e estimula processos de análise, como é apresentado no presente trabalho, após os pressupostos teórico-metodológicos da ACD.

### **3. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

Este trabalho procura analisar músicas com teor machista com base na Análise Crítica do Discurso (ACD). Por essa razão, é cabe uma reflexão sobre os pressupostos dessa área crescente nos estudos da linguagem. ACD surgiu em 1990 e, de acordo com Pedrosa (2005, p.36), “um marco para o estabelecimento dessa nova corrente na Lingüística foi a publicação da revista de Van Dijk, “Discourse and Society”, em 1990. Entretanto, é importante acrescentar publicações anteriores, como os livros: “Language

and power”, de Norman Fairclough, em 1989; “Language, power and ideology”, de Ruth Wodak, em 1989; e a obra de Teun van Dijk sobre racismo, “Prejudice in discourse”, em 1984.” Vale ressaltar que, ao se tratar de ACD, muitos pesquisadores apontam Fairclough como um autor que contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento dessa corrente.

A esse respeito, Santos et al. (2015, p.56) afirma que

A ACD é uma abordagem teórico-metodológica que vê o discurso como uma prática social, através da qual as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre os outros. Nesse sentido, existe na ACD uma preocupação em descobrir, revelar e divulgar aquilo que está implícito, rejeitando a “naturalização” dos processos sociais, permitindo que as ideologias subjacentes ao discurso, bem como relações de dominação instituídas por elas, sejam reveladas.

Assim, a ACD busca analisar discursos, revelando ideologias que muitas vezes são restritas ao plano implícito. Sobre isso, Pedrosa e Santos (2012, p.198) salientam que “Ela se apresenta como um campo tanto de pesquisa quanto de ensino e utilizada amplamente pelas ciências sociais e humanas. Tem também fundamentado o ensino crítico da linguagem em níveis

os mais variados, principalmente no ensino superior”. Levando isso em consideração, a ACD é de grande relevância para este estudo, que tem como objetivo mostrar que as canções com discursos machistas são naturalizadas e propagadas, isso porque são romantizadas, tanto pelos artistas quanto pelo público consumidor desse estilo musical.

### **3.1. A Análise Crítica do Discurso**

Antes de iniciar a análise das músicas é relevante compreender alguns conceitos que são utilizados na ACD. Para Silva e Trindade (2020, p.5), “A organização de uma sociedade é permeada por práticas sociais, que nada mais são que elementos instáveis de fazer algo, e no seu interior são constituídas pelas práticas do discursivas que se moldam e influenciam reciprocamente.” O discurso é um elemento relevante na ACD, uma vez que, conforme explica Fairclough (2008, p. 90-91),

Ao usar o termo ‘discurso’, proponho considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre

os outros, como também um modo de representação. [...] Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como efeito da primeira. [...] O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo constituindo e construindo o mundo em significado.

Em outras palavras, através do discurso, os sujeitos agem uma sobre as outras. Nos discursos pode-se perceber a realidade em que cada sujeito está imerso no tempo e no espaço. Nessa perspectiva, Silva e Trindade (2020, p. 5) entendem que “Foucault (2014) considera o discurso como um elemento constitutivo. Assim, a linguagem é concebida através das práticas discursivas como uma oferta de construir, moldar, restringir e transformar uma sociedade, conseqüentemente, os laços sociais”. Com isso, não é possível que ocorra uma separação entre discurso e prática social.

Compreende-se, ainda, que os discursos são repletos de ideologias, que podem criar situações de desigualdade entre os sujeitos, a exemplo do que ocorre no discurso machista. Nele, as mulheres são sempre colocadas numa posição inferior, o que é justificado com discursos misóginos. Geralmente, os discursos

são produzidos por sujeitos detentores de poder, como as pessoas que não estão em um grupo minoritário, e isso é perceptível na violência de gênero. Segundo Silva et al. (2020, p. 9), “o discurso significa poder, sendo perigoso à medida que serve para manutenção de interesses particulares, conseqüentemente, reverberando generalizações e discriminações de outras realidades sociais”. O discurso machista tem relação com o poder que o homem acredita exercer sobre a mulher.

Em decorrência dessa realidade, a desigualdade de gênero aumenta consideravelmente, visto que o homem, ao se achar dono da mulher, acaba cometendo uma série de violência contra ela, discriminando-a e desrespeitando-a. Nessa linha de pensamento, Wokad (2004, p.225) pontua que a ACD “almeja investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso da linguagem (ou no discurso)”. Com essa corrente, é possível identificar, por meio dos discursos ditos, a desigualdade presente na sociedade, e, ao identifica-los, pode-se buscar meios de redução dessa desigualdade.

Como destacado anteriormente, o discurso machista interfere na vida dos sujeitos, em especial das mulheres, levando-as, muitas vezes, a reproduzir o que escutam e acreditar numa verdade absoluta. Para Fairclough (2019), “o discurso colabora na construção de identidades sociais, posições de sujeitos, relações sociais e sistemas de conhecimentos e crenças”. Todo discurso é

ideológico, pois existem intenções por trás de cada palavra. Nesse sentido, Santos et al (2015, p. 61) destacam que

O discurso enquanto prática social é influenciado pelas ideologias existentes no contexto, sendo capaz de representar hegemonias ideológicas, políticas, econômicas etc. Por ideologia, Fairclough (2008) entende que são construções da realidade, significados próprios do mundo físico, das relações sociais, das identidades sociais, que guiam as práticas discursivas e contribuem para a produção, reposição e/ou transformação das relações de dominação.

As ideologias são questões que possibilitam a observação de elementos como a dominação. As pessoas reproduzem seus discursos a partir da relação com outros sujeitos. Diante disso, as pessoas não nascem machistas, elas elaboram e reproduzem discursos machistas após terem contato com sujeitos que propagam essa ideologia, a qual busca dar continuidade à hegemonia nos discursos. Nesse interim,

Hegemonia é uma liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das

classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcialmente e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’. Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. A luta hegemônica localiza-se em uma rente ampla, que inclui as instituições da sociedade civil (educação, sindicatos, família), com possível desigualdade entre diferentes níveis e domínio (FAIRCLOUGH, 2008, p.122)

Em outras palavras, hegemonia é a liderança que um grupo exerce sobre outros grupos minoritários e pode ocorrer em todos os lugares. Essa é uma forma de manter a dominação de uns sujeitos sobre outros a partir de ideologias específicas. Resende e Ramalho (2019, p.44) salientam que “O conceito de hegemonia implica o desenvolvimento – em vários domínios da sociedade civil (como o trabalho, a educação, as atividades de lazer) – de

práticas que naturalizam relações ideológicas específicas e que são, na sua maioria, práticas discursivas.”. Com a hegemonia, percebe-se que a ideologia tem um grande papel no processo de dominação. Outro conceito importante na ACD e que tem relação direta com a hegemonia é o poder. Para definir poder, recorre-se, aqui, à visão de Foucault (2014, p. 9-10), para o qual

[...] Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas e dominação, mas porque, pelo que se luta, o poder no qual nós queremos apoderar.

Dessa maneira, o poder está presente no discurso, o que acaba intensificando as discriminações e as desigualdades. No discurso machista, o discurso é atravessado pelo poder e os sujeitos machistas, ou que reproduzem o machismo, são os possuidores desse poder em determinadas situações histórico-sociais.

A ACD busca desvendar as hegemonias ideológicas que estão presentes nos discursos e são compartilhadas pelos sujeitos. Através da ACD, é possível analisar discursos ideológicos que causam polêmicas na sociedade. Para Santos et al. (2015, p.59), “o discurso daqueles que se encontram no poder é analisado na ACD, pois são eles que geralmente são responsáveis pela manutenção das desigualdades ou possuem os meios para mudar de fato a situação”. A partir disso, considera-se a ACD busca investigar os discursos, apresentando as possíveis raízes ideológicas de cada um, além de expor as ideias que são transmitidas e as reais finalidades discursivas produzidas pelo sujeito, mesmo que estas estejam presentes apenas no plano implícito.

### **3.2. O corpus da pesquisa**

A partir do que foi citado até este momento, a análise, apresentada a posteriori, toma como materialidades discursivas as músicas “Propaganda”, de Jorge e Mateus; e “Ciumento Eu”, de Henrique e Diego, com participação de Matheus e Kauan, buscando analisar nelas o machismo reinante e o machismo velado propagados de forma implícita e romantizada.

Os processos analíticos estão baseados nas teorias da ACD, que foi abordada no decorrer desta seção do trabalho, buscando base, também, na fundamentação teórica sobre machismo. A seguir, apresentam-se as letras das músicas a serem analisadas na seção posterior.

## PROPAGANDA – Jorge e Mateus

Ela queima o arroz  
Quebra copo na pia  
Tropeça no sofá, machuca o dedinho  
E a culpa ainda é minha

Ela ronca demais  
Mancha às minhas camisas  
Dá até medo de olhar  
Quando ela ‘tá naqueles dias

É isso que eu falo com os outros  
Mas você sabe que o esquema é outro  
Só faço isso pra malandro não querer crescer o olho

‘Tá doido que eu vou  
Fazer propaganda de você  
Isso não é medo de te perder, amor  
É pavor, é pavor

‘Tá doido que eu vou  
Fazer propaganda de você  
Isso não é medo de te perder, amor  
É pavor, é minha cuido mesmo, pronto e acabou

## CIUMENTO EU – Henrique e Diego ft. Matheus e Kauan

E tá pra nascer  
Alguém mais cuidadoso e apaixonado do que eu

Ciumento eu  
E o que é que eu vou fazer  
Se eu não cuidar, quem vai cuidar do que é meu?  
Ciumento eu

Melhor falar baixinho, senão vão te roubar de mim!

Ciúme não  
Excesso de cuidado  
Repara não  
Se eu não saio do seu lado  
Tem uma câmera no canto do seu quarto  
Um gravador de som dentro do carro  
E não me leve a mal  
Se eu destravar seu celular com sua digital

Eu não sei dividir o doce  
Ninguém entende o meu descontrole  
Eu sou assim não é de hoje  
É tudo por amor

E tá pra nascer  
Alguém mais cuidadoso e apaixonado do que eu  
Ciumento eu

Melhor falar baixinho, senão vão te roubar de mim!  
Melhor falar baixinho, senão vão te roubar...

#### 4. O CONTEÚDO MACHISTA EM MÚSICAS SERTANEJAS ROMANTIZADAS

Como foi apresentado no decorrer desse trabalho, o machismo está presente na sociedade e, de acordo com Tenório (2019), é possível percebê-lo em vários contextos e ocasiões. O machismo pode se apresentar tanto de modo implícito, quando os sujeitos acabam não percebendo que o machismo está presente, como explicitamente, quando ele existe, mas acaba sendo naturalizado por se tratar de algo que está impregnado na sociedade.

Levando isso em consideração, as músicas Propaganda, de Jorge e Mateus, e Ciumento Eu, de Henrique e Diego, com participação de Matheus e Kauan, são analisadas, pois contêm ideologias machistas. Como afirmou Cavalcante et. al (2017), as músicas são grandes propagadoras do machismo, visto que, muitas vezes, colocam as mulheres em um papel de submissão, no qual precisam fazer a vontade do homem, além de serem desvalorizadas. Isso tudo é abordado de naturalmente, pois as pessoas se envolvem com o ritmo das músicas e deixam de perceber que as letras são machistas.

As análises buscam desvendar o machismo presente nas músicas mencionadas, tanto o machismo reinante quanto o machismo velado, tendo como base teórica metodológica a ACD, a qual, como já citado por Santos et. al (2015), é uma corrente

em que se pode revelar sentidos implícitos. Além disso, a ACD apresenta conceitos como poder, ideologia e hegemonia, que são de grande relevância para compreender e analisar discursos, inclusive os discursos machistas.

#### **4.1. Machismo reinante**

O machismo reinante ocorre quando o homem acredita ser detentor de poder sobre a mulher. Saffioti (1987) afirma que, desde muito cedo, as mulheres são ensinadas a fazer serviços domésticos, como se isso fosse apenas obrigação delas. Para o mesmo autor, as mulheres são treinadas para chegar cada vez mais perto da perfeição, uma vez que a sociedade delimita quais são os deveres da mulher e quais são os dos homens, porém as atividades domésticas são exclusivas delas. Nos dois primeiros versos da música Propaganda, pode-se perceber tal pensamento:

Ela queima o arroz  
Quebra copo na pia

Vê-se que o trecho destacado apresenta a mulher como dona de casa, aquela que cozinha e lava a louça, o que remete ao dizer de Saffioti (1987), para o qual tem sido transmitida a ideia de que a mulher precisa saber fazer as atividades domésticas. Se elas desempenham mal as funções de dona de casa, não são boas para terem um relacionamento, já que o papel a mulher é

restrito ao plano doméstico. A canção acaba desconsiderando que as mulheres podem exercer outras funções na sociedade e que os deveres citados na música não devem ser apenas exercidos por sujeitos do sexo feminino. Pode-se perceber essa problemática também no verso:

### Mancha as minhas camisas

Há, assim, uma continuidade do discurso machista, atribuindo à mulher atividades domésticas como algo que ela deve fazer, levando ao entendimento de que toda mulher deve saber executar essas atividades; caso o contrário, elas não são consideradas adequadas para a sociedade, que é predominantemente machista. Em outras palavras, os três versos apresentados transmitem a ideia de que “ser dona de casa” – saber executar todas as tarefas domésticas, é requisito para que uma mulher consiga se relacionar. Tal pensamento está bastante presente na sociedade e é reproduzido na forma como as meninas são criadas.

Muitas vezes, as meninas são questionadas se sabe cozinhar e, quando a resposta é sim, já recebem a resposta de que “já pode casar”. Assim, na sociedade atual, mesmo com tantos avanços em relação ao papel da mulher, os sujeitos continuam relacionando o trabalho doméstico ao sexo feminino. Isso é algo cultural, que sempre existiu na sociedade e caracteriza-se como marca do patriarcado.

Além disso, como já citado anteriormente neste trabalho, a mulher é vista como alguém que já nasce delicada, que deve ser sempre gentil e se mostrar comportada em qualquer situação, até mesmo naquelas em que não se sintam confortáveis. No decorrer da música Propaganda, é possível perceber que se expressa a ideia patriarcal, dando a entender que se a mulher não tiver essas “qualidades”, não é considerada boa, visto que a mulher deve ser praticamente sem defeitos e não pode ter momentos de estresse, como se observa nos versos a seguir:

Dá até medo de olhar  
Quando ela “tá” naqueles dias

Nos versos acima, nota-se que é apresentada a ideia de que pessoas do sexo feminino devem ser sempre seres pacíficas, não podem apresentar raiva ou estresse, e serem sempre carinhosas. Isso decorre de uma tradição na qual desde cedo, assim como a ideia de que os trabalhos domésticos devem ser executados por mulheres, as meninas aprendem que devem ficar mais quietas e que não podem expressar muitas vezes o que estão sentindo para não parecerem rudes ou ignorantes. Por outro lado, como Palmeiras (2021) destaca, o homem é criado para ser “macho”, para assumir uma postura de bravo e autoritário desde muito cedo.

Nesse sentido, pode-se perceber um paradoxo: de um lado, as mulheres devem ser sempre gentis, caso contrário são consideradas mal-educadas e ignorantes; por outro, os homens

podem e devem ser ignorantes, uma vez que se não forem assim não são considerados homens. Esse tipo de criação acaba justificando o machismo, pois os homens foram ensinados que é normal que eles assumam uma postura agressiva em relação às mulheres. Por essa razão, as mulheres não podem assumir comportamento semelhante; pelo contrário, elas devem ser sempre obedientes e não podem mostrar como estão se sentindo ou o que pensam, para que, assim, não irrite os homens.

Por diversas vezes, a violência contra a mulher é explicada por esses motivos. Os homens alegam que as mulheres não realizaram as atividades domésticas ou que falaram de forma rude com eles. Esses fatos acabam se tornando desculpas para a prática da violência, e a sociedade, na maioria das vezes, valida esse pensamento. Não são raras as vezes em que se menciona, em diversos contextos, que determinada mulher sofreu agressão, mas que isso aconteceu apenas porque ela não era uma boa dona de casa, porque não realizava atividades domésticas do jeito que o marido gosta ou, ainda, que falava demais e queria opinar em tudo. Dessa maneira, para a sociedade, as mulheres que não possuem essas qualidades podem ser violentadas pelos seus companheiros, propagando o machismo.

Outro ponto que se destaca neste trabalho é o homem crer possuir poder sobre a mulher. A posse é uma das características presentes no machismo. Os discursos machistas são marcados pelo patriarcado e, ao continuar observando a música Propaganda,

pode-se notar que essa questão é fortemente marcada, como se tem a seguir:

Só faço isso pra malandro não querer crescer o olho  
é minha cuida mesmo, pronto e acabou

Nesses versos, é possível notar que o homem diz que a mulher é dele e que não vai deixar nenhum outro homem se aproximar dela. Utiliza-se o pronome possessivo “minha” para destacar que a mulher é do homem, que ele é dono dela, como se houvesse uma relação entre o possuidor e o objeto. Como entende Palmeira (2020), no machismo a mulher é tida como um ser que é dominado por um homem, o qual detém direito total sobre a vida da companheira. São os homens que, na maior parte das vezes, tomam decisões pelas mulheres. No machismo, a mulher não tem direito à opinião, pois o homem é o provedor e ele quem dita as ordens. Além disso, em um dos versos destacados apresenta-se a ideia de que deve o homem deve cuidar da sua mulher/posse “pra malando não crescer o olho”, ou seja, para que outro não “roube” o que é seu. Novamente, nota-se a ideia de posse, em que a mulher é tratada como um objeto que pode ser conquistado ou roubado.

Ainda em relação aos versos apresentados anteriormente, percebe-se que o machismo está presente na disseminação do poder do homem para com a mulher, tendo forte influência do machismo – que se revela como reinante. Santos et. al (2020) afirma que discurso é poder e é produzido como forma de

discriminação e inferiorização dos que não detêm uma posição privilegiada na sociedade. Vê-se esse conceito de posse, também, em versos na música Ciumento Eu:

Se eu não cuidar, quem vai cuidar do que é meu?  
Melhor falar baixinho, senão vão te roubar de mim!

Percebe-se que, assim como na música Propaganda, nos versos elencados da música Ciumento Eu, utiliza-se um pronome possessivo. Nesse caso, o pronome “meu” expressa ideia de posse, de dominação sobre a mulher, também transmitindo uma ideia de que a mulher é sua propriedade, um objeto que tem dono. Somado a isso, o sujeito homem continua alegando que não vai deixar ninguém “roubar” a mulher dele, reafirmando a ideia de que a mulher é taxada como um objeto que alguém pode pegar de outra pessoa. Para que isso não ocorra, é necessário que alguém, nesse caso um homem, cuide dela. Assim, observa-se, nesses versos, que a mulher é tida como um ser vulnerável, que deve ter um “dono” para protegê-la.

Minnayo (2005) assinala que isso é resultado de uma sociedade patriarcal, na qual o homem deve exercer um papel superior a mulher. O homem que toma as decisões, inclusive decisões que deveriam ser tomadas pelas mulheres, já que se referem a assuntos que muitas vezes afetam diretamente a vida delas. O patriarcado justifica o discurso machista. Por isso é relevante analisar essas questões que são naturalizadas

pela sociedade e, como Wokad (2004) considera, é importante investigar criticamente esses discursos que possibilitam que a sociedade seja misógina e desigual, isso porque ao propagarem o machismo as pessoas estão aumentando a cada dia a desigualdade de gênero.

As considerações construídas até este momento destacam que a questão do machismo na sociedade é complexa e torna esse preconceito de gênero reinante, pois é comum que seja ensinado desde cedo a mulher a se comportar como submissa a uma voz autoritária e egoísta de um outro sujeito, este sendo do sexo masculino. De acordo com Trindade (2020), a sociedade é moldada por práticas sociais que influenciam os pensamentos dos sujeitos. Na ACD, as práticas sociais estão diretamente relacionadas com os discursos, abrindo espaço para diferentes discussões. Além desse tipo de machismo – o reinante, é notório que nas músicas analisadas que o machismo também é velado, como vê-se a seguir.

#### **4.2. Machismo velado**

Na discussão anterior, entendeu-se que o machismo existe e é justificado pela forma como as pessoas são ensinadas e criadas. Percebeu-se, ainda, que a sociedade naturaliza o machismo, mesmo que ele seja produzido tão explicitamente. Este espaço de discussão dedica-se ao machismo velado, que se encontra em outros trechos das músicas selecionadas para a análise. Como

citado no aparato teórico do trabalho, o machismo velado é aquele em que o preconceito se dá de maneira implícita, muitas vezes fazendo com que pareça uma forma de cuidado e carinho. Isso está marcado nas músicas, em especial nas que foram selecionadas para a análise. Na música Propaganda, após ser apresentada uma sequência de machismo reinante, diz-se que:

“Tá” doido que eu vou  
Fazer propaganda de você  
Isso não é medo de te perder, amor  
É pavor, é pavor

Ao analisar esses versos, pode-se perceber que primeiro se diz que não vai fazer propaganda da mulher. Desse modo, já se vê uma ideia de mulher como objeto, pois, quando se pensa em propaganda, logo relaciona-se a algum produto que esteja à venda. Para que isso ocorra, apresenta-se uma sequência de qualidades do produto, ou seja, faz-se uma propaganda. Em outras palavras, há uma objetificação da mulher, colocando-a na mesma posição que um produto que pode ser comercializado. Em seguida, afirma-se que todas as adjetivações negativas produzidas acerca da mulher foram construídas de modo proposital, para que não corresse o risco de outros homens cobiçarem a mulher e colocar em risco a relação. Com isso, existe uma romantização de tudo de ruim que foi dito. É dessa forma que o machismo é propagado. Ao ouvirem discursos machistas e, logo em seguida, um “eu te amo”,

“é cuidado”, “foi por amor”, as mulheres acabam desconsiderando que as situações nas quais elas se encontram são completamente misóginas.

Ao lidar com esses discursos por meio de músicas de sucesso na internet e em outros veículos, as mulheres começam a achar normal que o homem fale mal dela como uma falsa proteção velada no medo de perdê-la. Por essas e outras, o machismo vai se propagando em tentativas de produzir um conteúdo romântico, com demonstração de amor, quando na verdade a predominância é do machismo, resultado de anos de uma sociedade que coloca a mulher como propriedade do homem.

Na música Ciumento Eu, o machismo velado pode ser encontrado praticamente em toda a letra. Nos versos a seguir o caráter machista é velado em dois termos específicos:

E tá pra nascer  
Alguém mais cuidadoso e apaixonado do que eu

Nota-se que o trecho em tela caracteriza o homem como cuidadoso e apaixonado. Esses adjetivos servem como justificativa para uma série de ações machistas descritas no decorrer da música. Nessa perspectiva, o machismo fica velado em meio à romantização. Ao estabelecer esse tipo de atitude pelo discurso musical, as mulheres, quando possuem insuficiente posicionamento crítico, acabam acreditando no amor em meio a práticas machistas, assim como prega a letra de uma música sertaneja.

Além dessa questão, há uma tentativa de fazer a mulher acreditar que o homem é a pessoa mais carinhosa do mundo e que, caso o deixe, não vai encontrar alguém que a ame da mesma forma. Pode-se afirmar que o homem tenta apresentar uma imagem de um parceiro ideal e que tudo que ele faz é justificável pelo amor que ele sente, pois há apenas um cuidando de quem ama. Observa-se, ainda, que uma das formas de expressar o machismo é o ciúme, que tem relação direta com a posse. Por achar que a mulher é sua propriedade, o homem cria, muitas vezes, um cuidado excessivo sobre ela e a coloca em situações desagradáveis e constrangedoras.

No decorrer da música Ciumento Eu é relatado um exemplo de ciúme, como se pode identificar versos a seguir:

Ciumento eu  
E o que é que eu vou fazer  
Se eu não cuidar, quem vai cuidar do que é meu?

Primeiro o homem diz não ser ciumento e, depois, afirma que deve cuidar do que é “dele”. Com isso, novamente encontra-se uma colocação da mulher como propriedade, como objeto que tem dono. Conforme afirma Gonzalez (2014), o machismo apresenta a mulher como alguém que não pode tomar suas próprias decisões, como alguém que precisa de outra pessoa para protegê-la por ser considerada e julgada como frágil. Dessa maneira, acaba-se velando a questão do ciúme e da posse como atos de amor.

Em diversos casos, as mulheres, ao assumirem relacionamentos, acabam se afastando de amizades e param de fazer coisas que gostam porque o companheiro alega que não faz bem para ela, e que isso é cuidado e proteção, visto que ele sabe o que é melhor para ela por amá-la. Essas práticas, que são absolutamente comuns nos dias atuais, é reflexo de uma sociedade patriarcal e o resultado disso é essa propagação e naturalização do machismo em todos os lugares, inclusive nas músicas, como se vem demonstrando. Na música Ciumento Eu, o compositor continua mencionando o ciúme e a posse de uma forma romantizada, como é evidente nos versos a seguir:

Ciúme não  
Excesso de cuidado  
Repara não  
Se eu não saio do seu lado

O homem continua afirmando não ter ciúme, que o que tem é amor e cuidado e, ainda, afirma que não vai sair do lado na mulher. Em outras palavras, ele é possessivo e não consegue deixar a mulher sozinha por achar que outro pode roubá-la. A ideia de poder e posse sobre a mulher continua sendo apresentada de uma maneira romântica, para que ocorra a naturalização de relacionamentos abusivos. No decorrer da música é possível notar que atitudes machistas e até mesmo invasivas e criminosas são citadas de uma forma natural e romantizada, como:

Tem uma câmara no canto do seu quarto  
Um gravador de som dentro do carro

A partir desses versos, fica nítida uma sequência de ações que são naturalizadas, mas que na verdade são exemplos de ações em uma relação abusiva, na qual o homem acaba invadindo a vida da mulher de uma forma agressiva e desrespeitosa. Nos versos acima, o homem assume que colocou câmara no quarto da mulher e um gravador de som no carro, ou seja, ocorre uma invasão de privacidade, isso porque, devido o machismo, o homem se torna cada dia mais possessivo, e essas ações dele são normalizadas pela sociedade. Diante dessa normalização perigosa, ainda se faz, novamente, menção ao machismo velado quando se diz que:

Eu sou assim não é de hoje  
É tudo por amor

Nesse contexto, encerra-se a música destacando que o homem sempre agiu com atitudes agressivas, desrespeitosas e, conseqüentemente, machistas, e que tudo o que ele faz ou fala é por amor, naturalizando e romantizando todas as atitudes abusivas que ele teve em sua relação com a mulher. Esse fato faz com que as mulheres acabem achando normal que propagem esse estilo de música, canções estas que costumam ser taxadas como bonitas e estimuladoras de carinho, cuidado e amor.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração tudo o que foi apresentado ao longo deste estudo, pode-se afirmar que algumas músicas sertanejas propagam, tanto de forma reinante quanto de modo velado, o machismo na sociedade, isso porque as pessoas se deixam levar pelo ritmo do gênero musical e, outras vezes, pela abordagem romantizada de muitas músicas, naturalizando ideologias machistas.

Além disso, como viu-se, a partir do estudo feito dentro ACD, os discursos machistas são repletos de ideologias que se complementam ou também podem se distanciar. A hegemonia e o poder pregam a necessidade do ensinamento das mulheres para serem submissas aos seus maridos, a visão de que o papel da mulher é apenas o doméstico e que a mulher precisa ter determinadas atitudes apenas por serem mulheres. Dessa forma, a hegemonia e o poder entregues ao homem são frutos de anos de uma sociedade extremamente patriarcal, na qual a mulher não tem direito de fala e não pode expressar suas ideias e sentimentos.

Através das músicas analisadas, é possível comprovar que a mulher tem sido representada como alguém que deve ser uma boa dona de casa e sempre delicada. Somado a isso, é notório que nas músicas analisadas o homem sempre detém o poder sobre a mulher e é ele quem toma as decisões sobre ela, muitas vezes as objetificando e praticando ações extremamente misóginas e criminosas.

Por fim, as músicas sertanejas tentam justificar as atitudes machistas com discursos romantizados, para que as mulheres normalizem esses discursos acreditando que são benéficos e vinculados a uma demonstração de amor. Essas músicas fizeram e ainda fazem muito sucesso no cotidiano e são tidas como românticas. As mulheres acreditam que estão sendo valorizadas, mas, a partir da análise empreendida, percebe-se que elas acabam contribuindo para a propagação da desvalorização do sexp feminino. Consequentemente e infelizmente, essa propagação frutifica inúmeros novos casos de agressão física e psicológica contra as mulheres, principalmente no Brasil, país que ainda tem muito o que avançar no que se refere às políticas públicas de enfrentamento do machismo em diferentes contextos sociais.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Nova Fronteira, 2014.

CAVALCANTE, Fabiana Lopes; PAZ, Maria da Glória. SILVA, Edilania de Paiva; SANTOS, Eliene Maria Sales; OLIVEIRA, Lucemberg Rosa de. Na Trilha Sonora da Vida: a representação das mulheres nas músicas nacionais. In: *Anais do V Seminário Internacional Entrelaçando Sexualidades - 10 anos*, 2017.

COUTO, Márcia Thereza; SCHRAIBER, Lilia Blima. Machismo hoje no Brasil: uma análise de gênero das percepções dos homens e das mulheres. In: VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau (Orgs.). *Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado: uma década de mudanças na opinião pública*. 2013, p.47-61.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 40.

GONZALEZ, Débora de Fina. Entre Público, Privado e Político: avanços das mulheres e machismo velado no Brasil. *Cadernos Pesquisas*, v.44, n.151, p 228-247/ jan./mar. 2014.

GUILLAUMIN, Colette; TABEL, Paola; MATHIEU, Nicole-Claude (Orgs.). *O patriarcado desvendado: teorias de três feministas materialistas*. Recife: SOS Corpo, 2014.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Editora Cultrix, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Laços perigosos entre machismo e violência. *Ciências & Saúde Coletiva*, v. 1, n. 10, p. 18-34, 2005.

OLIVEIRA, Márcio de; MAIO, Eliane Rose. “Você Tentou Fechar as Pernas?” – A Cultura Machista Impregnada nas Práticas Sociais. *Polêm!ca*, v. 16, n.3, p. 01-18, julho, agosto e setembro, 2016.

PALMEIRA, Fábio. *Desigualdade de Gênero: o machismo reinante na sociedade*. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/direito/desigualdade-genero-machismo-reinante-na-sociedade.htm> Acesso em 23. Ago. 2021.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. *Análise Crítica do Discurso: uma proposta para a análise crítica da linguagem*. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística Doutorado. Recife, 2005.

PEDROSA, Cleide Emília Faye; SANTOS, Paulo Sérgio da Silva. Análise Crítica do Discurso e Mídia: estudo das erratas em revistas de divulgação científica e sua (não) aplicabilidade em sala de aula. *Revista do Gelne*, Natal/RN, v. 14 Número Especial; 195-213, 2012.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS, Elisabeth Cavalcante dos. BISPO, Danielle de Araújo. DOURADO, Débora Paschoal. A Utilização da Teoria Social do Discurso de Fairclough nos Estudos Organizacionais. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, v.4, n.1. jan./mar. 2015.

SILVA, Thiago; TRINDADE, Ana. Materialização da Ideologia: Uma análise crítica acerca da construção do Machismo a partir dos Discursos no Big Brother Brasil 2020. In: *Anais do I CONEIL*, p. 1-12, 2020.

TENÓRIO, Emilly. *Série Assistente Social no Combate ao Preconceito: machismo*. Conselho Federal de Serviço Social (CFSS) *Gestão é de batalhas que se vive a vida (2017-2020)*.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 223-243, 2004.